

GRANDEZA DE DARCY RIBEIRO

*Leonardo Maia**

RESUMO: Darcy Ribeiro 100 anos. Grandeza de Darcy. Grandeza como paradoxo, em meio a um povo ainda pequeno, ou menor do que seria. A ele, Darcy se devota: procura pensá-lo, configurá-lo, dar voz à sua 'ninguendade', confunde-se a ele do início ao fim. O centenário, via de regra, é momento de ressaltar um legado. Mas como, se o próprio Darcy se disse, mais de uma vez, derrotado? Essa derrota é porém cheia de encantos, encrustada em vários dos grandes eventos do país e do mundo, ou mesmo pessoais: amores. De Darcy, talvez se deva dizer o que Deleuze disse de Proust: um processo de intensa liberação de signos. Cujas decifrações confundem-se, em parte, com o próprio enigma brasileiro dos últimos cem anos. Voltar a Darcy é voltar a pensar a nossa ontologia frustrada, o nosso ainda não-ser. Darcy enfrentou a tudo como grande vivente. Talvez sejam precisos mais cem anos para nos aproximarmos melhor da sua imprudência.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil. Povo brasileiro. Utopia. Darcy Ribeiro

GREATNESS OF DARCY RIBEIRO

ABSTRACT: Darcy Ribeiro 100 years old. Darcy's greatness. Greatness as a paradox, among a people still small, or smaller than it would be. Darcy devotes herself to him: she tries to think about him, to configure him, to give voice to his 'nobody', he confuses himself with him from beginning to end. The centenary, as a rule, is a time to highlight a legacy. But how, if Darcy himself said, more than once, defeated? This defeat is however full of charms, encrusted in several of the great events of the country and the world, or even personal: love affairs. Of Darcy, perhaps one should say what Deleuze said of Proust: a process of intense liberation of signs. The decipherment of which is intertwined, in part, with the Brazilian enigma of the last hundred years. Returning to Darcy means rethinking our frustrated ontology, our not-yet-being. Darcy faced everything like a great living being. Perhaps it will take another hundred years to get closer to his imprudence.

KEY WORDS: Brazil. Brazilian people. Utopy. Darcy Ribeiro.

* Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Filosofia pela PUC-Rio. Pós-doutor pela Université Paris 8. E-mail: leomaiaufri@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2080-9259>

Digamos, de pronto, a grandeza de Darcy Ribeiro. Esta esteve e estará ligada, por ainda muito anos, cem, duzentos ou mais, a uma vontade de país. Como na canção de Carmen Miranda, *enquanto houver Brasil...* Se, e enquanto houver Brasil, haverá ocasião para se retornar a Darcy. Como poucos, ele quis e pensou esse país, ainda muito pouco pensado, e talvez menos ainda querido. Ele, desde sempre o quis e procurou ensinar como querê-lo.

A lição da história é farta em exemplos de que as obras genuínas só podem nascer de um desejo intenso ou de uma dedicação permanente. E assim foi com Darcy. A rigor, esse terá sido seu único tema de investigação. Sempre o Brasil, sua gente. Não faz assim maior sentido circunscrevê-lo nos nichos restritos da Antropologia, da Etnologia, da Educação ou mesmo da Política. Mesmo esses só se definem para ele tendo ao fundo o Brasil como crivo e critério. São todos eixos ou metodologias relevantes para a sua reflexão ou ação, mas no fundo Darcy é, de fato, e como poucos, um pensador brasileiro. Em sua obra, com efeito, não vale tanto a pena se buscar outra coisa. O que há ali é o Brasil, a língua brasileira, os modos brasileiros, a sociedade brasileira, as formas de amar brasileiras (e, acima das outras, as do próprio Darcy) e, sobretudo - aí sim, algo retorna do cientista social projetado -, um 'objeto' por ele perseguido a vida inteira - *o povo brasileiro*.

Neste, mais do que em qualquer outro norte, o trabalho de Darcy encontra então a sua régua. Pois, com efeito, não será ele a medi-lo, a medir todo um povo, mas sim o povo brasileiro, desde o seu lugar impossível, desde a sua precária experiência, a medi-lo, a julgá-lo. A pergunta essencial se esclarece: no que penso, no que escrevo, no que vivo, alcanço de fato esse povo, estou junto a ele, faço jus a ele? Se sim, então um Brasil pode nascer, como de fato nasceu, da obra de Darcy Ribeiro.

Se se trata, também, de pensamento, se há um país e povo a serem compreendidos, então o que é um pensamento brasileiro, pelo que se reconhece um pensador brasileiro? (essa, aliás, é uma das principais questões que o pensamento de Darcy nos libera).

Do ponto de vista filosófico, seria muito precipitado dizer que a contribuição de Darcy é menor, pouco relevante. De início, em perspectiva periférica, marginal, ele se apresenta sob a condição de uma personagem chave do mundo das ideias do século XX - a do intelectual. Talvez favorecida pelo avanço e consolidação das democracias mundo afora, a figura do intelectual político ou público assume um novo protagonismo contemporâneo, marcado talvez, essencialmente, pelo termo reivindicado por Sartre, 'engajamento'. Ser intelectual é, em grande medida, engajar-se. Mas engajar-se é entender-se segundo uma atuação militante e política essencial. Ou de modo mais amplo, segundo as suas circunstâncias e a própria responsabilidade perante elas. E, evidentemente, ainda que para muitos não seja assim, não haverá quase termo comum a um intelectual em Paris e outro no Brasil. Atento ao seu mundo e à sua experiência real, Darcy é um dos que irá mais longe na determinação da atuação do intelectual em realidade pobre ou sub-desenvolvida. Não se trata apenas de um escopo diverso, mas antes de uma necessidade imperiosa, que

exige compromisso e ação específicas; pensar, entre nós, é pensar as categorias da pobreza e da miséria: dependência, desigualdade, exploração, exclusão... Fora disso, o pensamento é apenas um divertimento, um diversionismo. E do que nos serve um pensamento infértil, inócuo? (aliás, se Derrida pode considerar a positividade de *quase-conceitos*, como forjar - ou sobretudo como deixar de forjar -, os conceitos que alcancem e expressem essas quase-vidas rebaixadas ao extremo?).

Da Grécia à contemporaneidade filosófica, parte-se quase sempre dos problemas de entorno, e nesse caso, como dar as costas a um entorno especialmente problemático? Para Darcy, como para tantos outros então, ser intelectual entre nós envolve sobretudo ligar-se a esse quadro. O 'problema' a ser pensado é então explícito, cristalino, e o real social será uma pedra-de-toque insistente.

Em chave mais ampla, esse é um movimento que vai se definindo por toda a periferia mundial (América Latina, Ásia, África) já desde as primeiras décadas do século passado. Mas, possivelmente, a Segunda Grande Guerra e a Guerra Fria, que se configura logo em seguida, funcionam como catalisadores nesse processo, em especial por emprestar tintas mais trágicas à maneira de se conceber a própria condição, explorada e subalterna. No caso brasileiro, o exemplo mais emblemático é possivelmente o de Josué de Castro, e o seu *Geografia da Fome*, significativamente aparecido em 1946. A Guerra termina e o país se vê com fome.

Para o Brasil e para o mundo, a fome se mostrava enfim um problema maior. E como não serem as vozes periféricas preferencialmente aquelas a denunciá-lo e conceituá-lo? (Vale um curto parêntese aqui: a obra de Castro não seria um claro contraponto a outra obra maior, também pernambucana, surgida década e meia antes, em que pululam quitutes, acepipes, açúcares, toda uma gorda dieta? Decerto, há também muita fome e miséria nos textos de Gilberto Freyre, mas mesmo *Casa Grande & senzala* já se inicia com a evocação das quituteiras baianas, e do poder sensorial até metafísico da culinária. Há, habitualmente em Freyre, todo um transporte, uma mística pelos alimentos. Não é apenas um prazer individual, evidentemente; parte da essência da obra freyreana se afirma aí, nessas observações aparentemente menores, até pitorescas, mas que orientam profundamente o seu percurso sociológico - ou como prefere Darcy, atento justamente a essas pequenas pistas, também antropológico. E, precisamente, a obra de Darcy não seria uma espécie de entroncamento dessas duas linhas do pensamento social brasileiro, ou do pensamento nacional *tout court*? Vejamos, nesse sentido, a apresentação que delicia Darcy, de Euclides da Cunha feita por Freyre (e para Darcy, claro, a melhor apresentação dele mesmo, GF - Darcy a retoma na introdução que faz de *Casa Grande e senzala* para uma coleção venezuelana): “O melhor retrato que traçou de si mesmo é o que escreveu sobre Euclides da Cunha, caracterizando-o pelo que não tinha, nem era ... coitado. Senão, vejamos: Nem moças bonitas, nem danças, nem jantares alegres, nem almoços à baiana com vatapá, caruru, efó, feijoadas à pernambucana, nem vinho, nem aguardente, nem cerveja, nem tutu de feijão à paulista ou à mineira, nem sobremesas finas segundo velhas receitas de iaiás dos sobrados, nem churrascos, nem manga de Itaparica, abacaxis de Goiana, açaí, sopa de tartaruga, nem modinhas ao violão, nem pescaria de Semana Santa, nem siri com pirão, nem galos de briga, nem canário do Império, nem caçadas de onça ou de antas nas matas das fazendas, nem banhos nas quedas d'água

dos rios de engenho- em nenhuma dessas alegrias caracteristicamente brasileiras Enclides da Cunha se fixou. Gilberto, sim. Demorada. Reiterada. Voluptuosamente.” Eis aí a paradoxal dietética nacional, que é talvez metáfora para todo o resto, como a sua clivagem de base, inclusive de um pensamento literalmente alimentado (ou sub-alimentado) por ela: ao mesmo tempo, ausência e presença (farta) de comida. Em se plantando tudo dá? Ou não? A quem é dado plantar? Ou comer? Por que tanta fome? Eis a questão. De Freyre, Castro e outros, entre a fome e a fartura, entre a pobreza e o gozo, em meio a sexo, violência e morte, nasce também um Darcy como brasileiro – e como obra brasileira - possível.

Precisamos conferir a esse movimento o seu devido valor. Esse esforço pela ideação de um mundo à parte se mostrou crucial, devemos muito a ele, devemos muito a esses heróis intelectuais da periferia, quase tudo. A definição de um tipo de intelectual periférico, terceiro-mundista foi pré-requisito para o surgimento de todo um novo conjunto de questões, a partir de regiões menos visíveis, desde as quais justamente não se esperariam cultura ou conceito. Os objetivos desses novos intelectuais, mundo afora, coincidem em grande medida, mas há decerto especificidades locais ou regionais. Há fundamentalmente um ambiente, um campo novo, até inédito, para a reflexão, propício para a proposição de questões próprias. Dentre essas linhas novas, três parecem maiores: o tema geopolítico do imperialismo e da descolonização, o tema econômico da miséria, da desigualdade e da exploração, e o tema micropolítico das minorias – do ser índio, ser negro etc. Esses temas, evidentemente, se reúnem sob vários aspectos.

Nesse caso, como qualificar a obra de Darcy, para além do que já o fizemos, ou seja, como uma obra brasileira? Trata-se de uma obra nacionalista, em sentido convencional, liberatória ou soberanista? A nosso ver, talvez o seu principal componente ao final seja, na verdade, estético. Não exatamente no sentido de produzir um novo juízo de gosto, ou uma nova visão do Belo, ainda que claramente esse tipo de *tópoi* mais canônicos do campo se apresentem diversas vezes em sua obra. Estética entendida sobretudo como um desenvolvimento novo da sensibilidade, e mesmo do sentimento. Sobretudo, seria preciso experimentar (e sentir) diferentemente o Brasil, abrir-se para ele conforme novo critério sensível, novas categorias da sensibilidade. Em sentido amplo, trata-se, sem dúvida, de propor um novo campo afetivo que ensinasse a produção de uma nova imagem de país.

Lembremos que a geração de Darcy, no Brasil, foi uma das duas, no século passado, a se propor alterar em definitivo o quadro de dependência e de inserção periférica do país. Talvez a mais significativa delas, no sentido do seu alcance prático, e da orientação ampliada das suas atividades. Quase concomitantes a Darcy, por esses dias também comemoraram cem anos Paulo Freire, Celso Furtado, Florestan Fernandes e, por que não, Leonel Brizola. Educação, Economia, Sociologia e Política. Para além apenas de nomes, ou desses nomes em específico, formava-se uma nova consciência crítica de país, acompanhada da perspectiva da ação real, concreta. A outra, anterior, fora a que pontificou nas décadas de 20 e 30. De Paulo a Caio Prado, de Mário a Oswald de Andrade, de Gilberto Freyre a Sérgio Buarque

de Holanda: nesses, uma primeira imagem contemporânea de país se define. A diferença em relação à segunda terá sido talvez de intensidade, ou de originalidade, mas uma verdadeira vontade de Brasil se afirma igualmente nos dois momentos.

No primeiro deles, há talvez mais liberdade para se pensar uma ideia genuína de país, uma ontologia própria, singular. A questão de fundo é até simples: *o que é o Brasil?* O que é *em si*, sem apelo a modelos outros, externos, mais desenvolvidos, supostamente mais bem-sucedidos. No segundo momento, essa amplitude inicial claramente se restringe. A questão é já *qual o Brasil possível*, quais as condições então para a sua soberania em um mundo organizado geopoliticamente (senão metafisicamente, clivando bem e mal) pela polarização da Guerra Fria. A inserção é claramente periférica, sub-desenvolvida, terceiro-mundista. Assim, os intelectuais da época irão procurar conjugar esforços para responder a uma questão já inclinada, restrita. Busca-se a melhor resolução de um tríptico, a melhor articulação do que poderíamos chamar de 3 grandes 'Ds': *dependência, desenvolvimento e democracia*. Contudo, como sabemos, a inscrição forçada, heterônoma, na ordem já posta acabou se impondo sobre toda construção auto-determinada.

Esse esforço de algum modo inédito (ao menos no sentido de recusar em absoluto uma pré-modelagem vinda de fora) também revelaria aspectos cruciais para a definição de um pensamento todo novo, em sentido estrito, pois verdadeiramente autônomo. Em particular, talvez, por ter enfim atentado e partido das suas condições intrínsecas, dos 'não-valores' provenientes das condições muito rebaixadas dos sítios marginalizados, do impoder que historicamente marcara todos esses países e povos pobres (pelo que, teriam historicamente experimentado ainda essa falta a mais, suprema, justamente a de não pensar). Decerto, autonomia, independência seriam situações que obviamente reclamavam um posicionamento próprio também no pensamento, de modo a resgatar questões abafadas, caladas, ou consolidar outras inéditas, visando extrair-lhes a positividade necessária para constituir um método, uma lógica, e também conceitos, ou seja, enfim, uma *filosofia*. Haveria um sentido a se extrair da pobreza, e um aprendizado a ser feito junto a ela.

Tal movimento, contudo, não poderia se restringir a uma libertação ilustrada, intelectual: eram povos inteiros que reclamavam uma liberação. E assim, a ligação pensamento-povo ou pensamento-opressão era uma marca quase geral a todas essas construções recentes, nas Américas, na África, na Ásia... Em suma, molda-se um pensamento popular, uma certa filosofia de massas, mas de massas muito particulares, empobrecidas, sobreviventes, em que as questões maiores já não poderiam ser, obviamente, as de Kant, mas tampouco a questão única, rebelde, de Lenin, e sim, o que talvez devêssemos, na verdade, chamar de 'não-questões', um exercício na verdade mais básico, se entendermos toda questão como ligada a uma necessária pausa, ou ainda mais, como o desdobramento de uma reflexão. A urgência não permite nada disso, e assim é a urgência da fome. *Que comer?* Mas, dessa posição, de quem passa fome, alguém de fato se faz tal questão, com real valor de questão ou problema? Uma imanência muito restrita, com efeito, impõe uma espécie de moto-perpétuo vital, uma permanente obrigação, assim como a obrigatoriedade

do pequeno cálculo quotidiano só de acertos, sem erros, sob risco da própria sobrevivência. A boa filosofia latino-americana, nesses casos, talvez tenha se mostrado uma estratégia de irmanação. De configuração de estratégias de apoio mútuo, de união, face a situações existenciais em que a *débauche* hobbesiana estaria sempre à espreita. Uma consciência crítica talvez, como se diz, mas em especial uma consciência-irmã, irmanada, uma consciência organizativa, comunal.

Temos, então, como pontos centrais também da trajetória de Darcy, essa perspectiva de um engajamento periférico da condição de intelectual, bem como a apresentação de um novo ‘objeto pobre’ ao pensamento, e a determinação de um Terceiro Mundo não mais excluído. Esses, talvez, os três grandes tópicos presentes nele e em sua geração.

Mas enfim, se há talvez pontos comuns de origem, o pensamento de Darcy não terá igual desfecho. Ao final, o Brasil nem sequer será o elemento único de chegada, em sua obra.

Contam-se pelo menos 3 direções, a caracterizar de forma ampla o conjunto de suas investigações:

a) uma nova visão crítica, até eminentemente positiva, da situação periférica, de um terceiro mundo já não apenas subalterno;

b) a isso se acresce o imperativo de se pensar (ou repensar) o sentido do povo brasileiro, e a eventual relevância da sua originalidade;

Não há aí, possivelmente, movimentos novos. Ao contrário, de algum modo, Darcy compartilha essas mesmas temáticas com vários outros intelectuais da sua geração. Um mesmo *Zeitgeist*, um mesmo ar do tempo: pensar o terceiro mundo, o valor intrínseco dos pobres, da pobreza como elemento constitutivo, criador. Por outro lado, cumpre repensar o Brasil a partir de questões originais, singulares. É preciso considerar a especificidade da situação de dependência, da falta de soberania dos países não-desenvolvidos, mas isso não é necessariamente uma qualidade negativa. Haveria uma ontologia menor desses amplos contingentes marginalizados? Esboça-se então como que a encarnação de um projeto contracultural por entre as fraturas, impasses e contradições do terceiro mundo. Um não-mundo, um mundo *ainda não*: será talvez esse o ‘próprio’ desses lugares perdidos.

c) Porém, em Darcy, esses dois passos iniciais conhecem um salto, apontando para a perspectiva final que ultrapassa grandemente todas as anteriores, seja o plano dos seus conceitos e problemas, seja inclusive a localização geofilosófica inicial desejada, em um sobrevoo que se estende progressivamente do Brasil à América Latina, culminando então em uma utopia cósmica, selvagem. O mais importante estaria, no caso, em se entender o sentido desse seu resultado último. Ou como os dois anteriores o favorecem e conspiram verdadeiramente para a sua afirmação.

Articulam-se, nesse sentido, ao menos três novas formulações propostas por Darcy:

1) a definição de não-sujeitos como novos lugares de criação e afirmação divergente, com caráter de verdadeira reconfiguração civilizacional. Aqui talvez se mostre o principal elemento de ligação de

Darcy com as Ciências Sociais. O ambiente da investigação ou da questão não pode ser simplesmente a 'Ideia'. Para pensar, seja o país ou outra realidade qualquer, é preciso definir um certo 'socius', centrar-se nos seus sujeitos, nos seus agentes sociais. O paradoxo estará então na precariedade dos 'sujeitos' eleitos. A preferência de Darcy não recai em nenhuma elite possível do país, econômica, política, cultural, militar, ao contrário. A originalidade periférica, e mesmo a sua originariedade ou singularidade particular se encontra na configuração de um tipo de sujeito precário, rebaixado. São como sujeitos 'ainda-não', marcados, na expressão do próprio Darcy, por uma *ninguendade*. É essa a grande marca do povo brasileiro. Ele ainda é ninguém. E expressa uma ontologia precária, inacabada... Trata-se de um traço muito contemporâneo presente no pensamento de Darcy, o de buscar e dar preferência a uma matéria informada, indefinida. De algum modo, prefigurando um dos seus grandes próximos, Glauber Rocha, Darcy parece já apontar para uma estética particular do terceiro mundo. Cumpre voltar, em especial, para a percepção daqueles mais carentes, como traço distintivo do que somos (ou do que não somos, considerando uma ontologia incompleta) pois é deles que uma nova sensibilidade marginal deve então se desprender. Eis aí o papel maior de indígenas, crianças e pobres na obra de Darcy. Sucessivamente, eles irão, cada qual a seu modo, preencher esse lugar do sujeito-problema, de uma inédita subjetividade jamais em ato, conforme a potência nua, ou a virtude selvagem daquele que está 'abaixo'. São, todos eles, vetores de uma reversão que faz da pobreza, da exclusão, da dependência forças afirmativas do pensamento, e não obstáculos para ele.

Mas aqui, justamente, aparece ainda aquele que é talvez o grande impasse sociológico (ou antropológico) apontado pela obra de Darcy. Pois onde está o fato social brasileiro? O Brasil enquanto sociedade, a rigor, não há. Ao menos, não de uma perspectiva consolidada, organizada. Não houve maior esforço em erigi-lo, antes até ao contrário, a lógica foi quase sempre a da acomodação precária, do convívio mais ou menos tolerado, e com um fundo violento jamais vencido. O cientista social é sem sociedade, ou mesmo sem povo.

A ideia de um povo, do destino ou sentido de um povo, atravessa inúmeros pensadores do século XX. Há povos de todo tipo nesse período, e talvez a ideia de Darcy reúna algumas delas, mesmo sem que ele as conheça talvez mais de perto. Nesse caso, o povo brasileiro é um povo novo, um povo ainda por vir, um povo necessário, um povo, enfim, portador de utopia. No brasileiro, desde o início, do encontro do europeu com o indígena pré-americano, e depois também com os africanos, pulsa ao menos uma promessa. Uma promessa diversa: um Novo mundo, novo possível, marca maior da Modernidade desde então.

Nesse caso, o problema de Darcy ganha dimensão definitiva, na sua acepção mais forte, nisto que Darcy chamou de 'povo brasileiro'. Mas o que é afinal esse povo? Aqui, parece surgir uma certa contradição para quem estava à procura de um conjunto organizado. Eis aí o que, precisamente, não somos. O *povo brasileiro* em princípio não é. Ou não houve, como projeto, nem sequer como resultado. Não é brasileiro, como também não é povo. A sua constituição se deu inicialmente por separações, mais

ou menos violentas, antes que por verdadeiras uniões, o que estabeleceu uma lógica particular pouco inspirada: anti ou a-comunitária, predatória, voraz, feroz.

Essa gente solta, disseminada pelo país afora, foi capaz de produzir inúmeros feitos, o maior deles, talvez, o país por ela forjado. Mas a rigor, em si mesma, ela não pode consolidar base social sólida. Nesse aspecto, o seu verdadeiro feito é outro, e coincide com o esforço pela sua própria sobrevivência: estar, manter-se vivo, é essa a sua prova dos nove.

2) Esse primeiro aspecto se estende na direção de uma concepção muito ousada de Formação. Se não somos, como fazer para que enfim o sejamos? Em sentido estrito, é preciso formar inclusive a nós mesmos, como gente nova, 'povo novo'. Formação é a atividade genérica encontrada para fundar a sociabilidade inexistente, o *socius* até hoje ausente por aqui. Essa via assumida por Darcy se vê às voltas com um material cujo processo civilizacional próprio, em construção, não pode contar apenas com a orientação (ideal) da ciência social. Materialmente, não se trata de apontar tal ou qual direção, mas de encontrar conteúdos reais para as experiências sociais, de forma a que elas não figurem como meras abstrações em uma sociedade inconstituída. A educação seria, portanto, esse arcabouço inevitável.

Para além disso, há um sentido contemporâneo inesperado que crescentemente se apresenta através da educação. Assim, educação, no tempo das sociedades de massas, é vista crescentemente como estratégia de intervenção massiva qualificada, em contraponto a concepções das massas desorganizadas, brutas, a serem meramente ordenadas (fora esse, talvez, o tipo de 'problema' às que as ideologias totalitárias buscaram responder). Por outro lado, de um ponto de vista qualitativo, Darcy se vincula à perspectiva pedagógica de Anísio Teixeira, ela mesma profundamente influenciada pelas teses do filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey. A aposta social, comunitária de Dewey vai em outra direção, que não apenas a da ordem. Nesse sentido, sua principal obra, *Democracia e Educação*, problematiza esses dois termos, que seriam afinal os dois grandes eixos para a consolidação virtuosa (e filosófica) das sociedades contemporâneas. No nosso caso particular, talvez ainda mais: não apenas um redesenho social, mas a ampla refundação da sociedade que poderemos ser. Considera-se um projeto formativo em progressividade constitutiva: da crítica à imagem, e desta a um projeto nacional.

Ou seja, estamos diante de uma noção de educação e pedagogia muito ampliada, para além de sua inscrição canônica entre o ensinar & aprender. Formação, em última análise como formação de povo (e não apenas de individualidades), como princípio de autonomização (em lugar da mera reprodução importada), e sobretudo como usina de utopias. A concepção iluminista de educação era já bastante ampliada. Mas o compromisso ora esperado parece ainda maior: A educação, enfim, como ambiente de deslocamento do país para um novo encontro, ou reencontro: fazer, propor um Novo Mundo de novo.

3) esse então o terceiro aspecto fundamental: um sentido renovado do Novo. Darcy articula aqui a ação presente com o desvelamento simbólico originário. Por sob todas as violências, teria havido, ainda assim, a produção de um encontro revelatório, promissor, e sobretudo, a liberação de um signo maior, que se tornou talvez a marca mesma da Modernidade. Se nada tivessem encontrado por essas bandas os

navegadores portugueses, o seu retorno às terras europeias teria o sentido de comunicar tão somente a frustração de uma Mesmidade, da reiteração e confirmação de si mesmos. Mas, ao contrário, o sentido que trazem consigo é o da novidade, do Novo Mundo. Essa extrema novidade é sem dúvida um dos elementos principais a operar uma definitiva conversão subjetiva (e cognitiva). Impossível viver, pensar como antes. A Europa é subitamente colocada à sombra (e à prova) dessa impressionante renovação. De repente, a Idade Média parece um tempo perdido, muito distante. E mesmo a impressionante aceleração que o mundo conhecerá remontaria em grande medida a esse requisito da novidade que se revela com as Américas. Força incomparável do Novo. Abre-se caminho a novas pesquisas, surgem conceitos antes impensáveis - e talvez o maior deles, justamente, o de Utopia, nome de uma terra remota, uma ilha...

O que Darcy parece considerar é um certo retorno à potência original do termo. Que, abafado pela sempre crescente hegemonia europeia, seguiu em latência nas suas expressões 'menores', especialmente as indígenas. A vida indígena precisaria então ser redescoberta e revalorizada, como verdadeiro critério onto-político contemporâneo, para que pudéssemos melhor compreender até onde se poderia ter ido (e para onde ir, ainda hoje). Para além disso, é preciso também apostar, sem desconsiderar o seu extenso rol de equívocos e impasses, na efervescência criativa e constituinte desse momento inaugural. Darcy insiste seguidamente nisso, o encontro de raças que aqui se deu seria sem precedentes, ao menos no mundo moderno. E à medida que o mundo se conecta crescentemente, o que ele quis dizer, o que ele tem ainda a dizer? Até mesmo como marca maior e inexorável do tempo de hoje, como se deveria dimensionar o alcance desse encontro primeiro?

Ressurge, portanto, em Darcy um valor superior da Utopia como nova projeção da Novidade, do Novo, planetária ou cósmica, e vista como força de renovação, mais uma vez, do Mundo por inteiro. E essa condição necessariamente deveria advir dos países até agora colocados à margem, e dentre esses, em particular talvez o Brasil. Com efeito, talvez apenas desde longe, desde baixo, desde Fora, possam vir os valores e sentidos que nos façam voltar a crer neste mundo. (Retorna, aqui também, o crivo e critério indígenas iniciais: que mundo, que ciência, que pensamento forjar a partir deles? Seria a Ecologia a grande ciência holística, cósmica do tempo presente, e, por que não, claramente a mais indígena de todas as ciências?)

Que não tenham sido de solidão os primeiros cem anos de Darcy Ribeiro. É essa talvez a primeira imagem que nos vem quando se trata de destacar um processo centenário na América do Sul, no Brasil. Seríamos todos Macondo, a experimentar uma espécie de infortúnio medido por cem anos? Só o centenário, no que ele já não guarda de natural para uma vida humana, poderia ser então, paradoxalmente, critério do que somos? Ou do que não fomos, se essa vida, a rigor, não houve, ou afinal foi completamente só (só também como sinônimo de vã)?

Solidão da não comunhão, da não comunicação intelectual... ideias afinal apenas para si. Seria esse então o destino inexorável da América Latina, do Brasil, e em especial dos seus intelectuais, de se verem

ao final inevitavelmente batidos, de permanecerem alheados, impotentes, em uma palavra, sós, relegados a um lugar menor, a um canto secundário da história das ideias, (e condenados à inconseqüência das suas ações)? Afinal, as ideias entre nós avançam quase sempre menos em razão do debate interno de formulações próprias do que por reflexo esmaecido de movimentos estrangeiros, por assimilação subalterna, em segunda mão, de questões e problemas alheios. Ao buscar, ao contrário, pensar o país, como não se sentir só, isolado, preterido?

É então o próprio Darcy o primeiro a apontar as suas grandes derrotas, quase completas. Em tudo aquilo que se empenhou, pelejou, erigiu, viu-se afinal batido, perseguido, exilado. E mesmo, como também afirma, que essas derrotas fossem para ele um motivo de orgulho particular, face ao insucesso mesquinho dos que lhe foram vitoriosos, o seu saldo não deixa de ser negativo, o pior possível: a reafirmação de um país, de gentes insuperavelmente alienados. Nessas sucessivas derrotas afirma-se, contundentemente, a solidão disso que não somos, não pudemos ser.

Mas enfim, como Darcy, retornemos à alegria e ao entusiasmo. São já cem anos! E certamente virão mais cem. Mesmo essas suas derrotas, que são também as nossas e que por isso nos levam de volta a ele, quando menos nos dizem algo essencial: que não sendo só dele, Darcy, nos mostram o lugar onde ainda hoje estamos, e mais, o lugar onde precisamos estar. Não terá sido então tempo perdido o seu (nem o nosso!), não há por que reduzirmo-nos a invencíveis solidões.

REFERÊNCIAS

MAIA, Leonardo. Contornando a tradição: o papel geofilosófico ‘menor’ do Brasil (e da América Latina). **Revista Humus, dossiê ‘Filosofia como crítica da tradição e da realidade’**. São Luiz: UFMA, v. 12, n. 37, 2022.

RIBEIRO, Darcy. **Testemunho: Darcy Ribeiro por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Record, 2022.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil**. Global Editora: São Paulo, 2015.

RIBEIRO, Darcy. **Utopia Brasil**. Hedra: São Paulo, 2008.

*Recebido em: 28 de novembro de 2022.
Aprovado em: 12 de dezembro de 2022.*